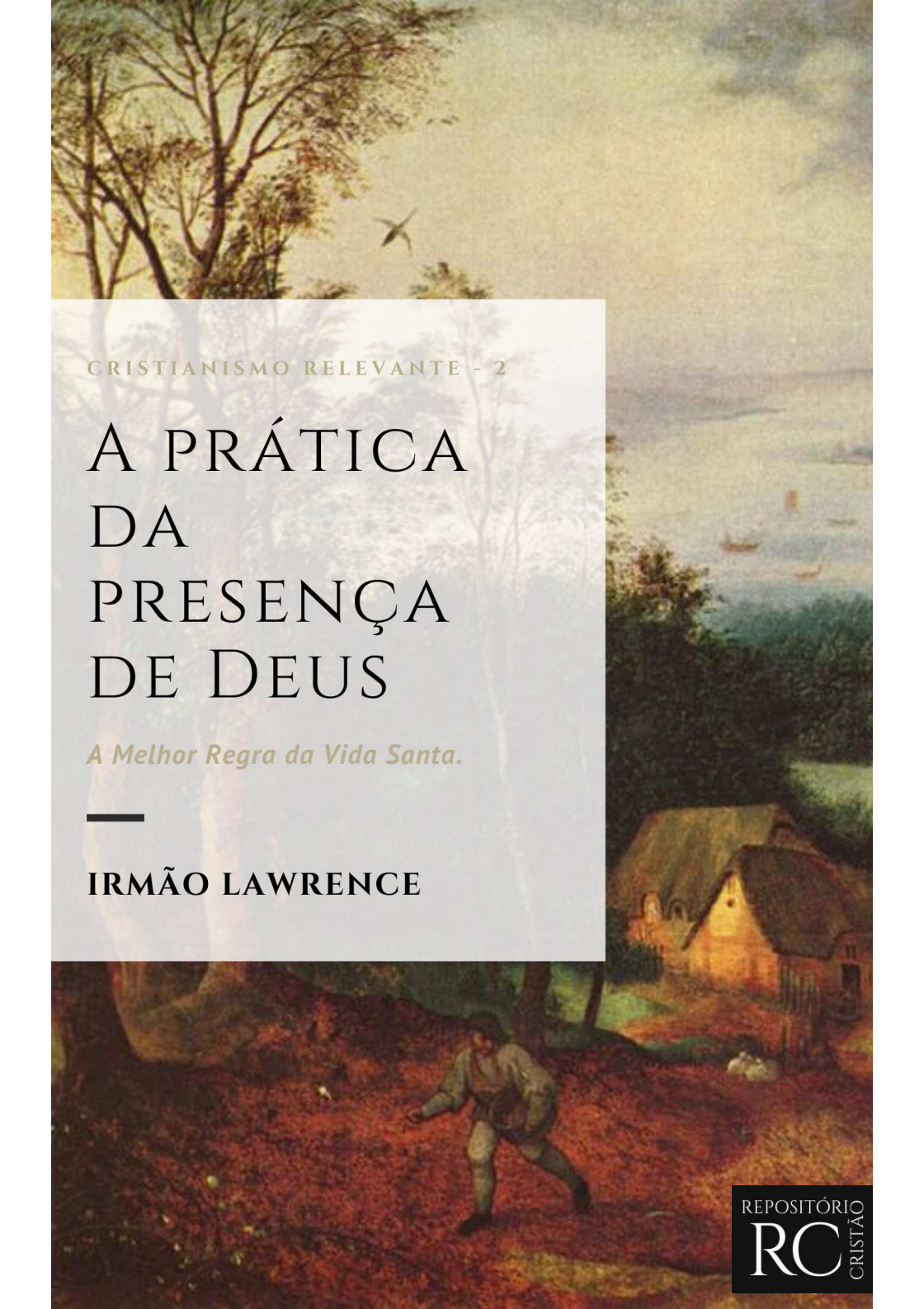




CRISTIANISMO RELEVANTE - 2

A PRÁTICA DA PRESENÇA DE DEUS

A Melhor Regra da Vida Santa.

IRMÃO LAWRENCE

A prática da presença de Deus

Irmão Lawrence

A prática da presença de Deus

Irmão Lawrence

A Melhor Regra da Vida Santa.

Tradução de Paulo Matheus



Porto Alegre, 2020.

Repositório Cristão 2020

Porto Alegre/RS.

<https://repositoriocristao.design.blog/>

A prática da presença de Deus: *A melhor regra da vida santa.*

Autor: Irmão Lawrence (1614-1691)

Nome original: *Practice of the Presence of God: The Best Rule of Holy Life* (1670).
56 páginas.

ISBN:

1ª edição. Traduzido por Paulo Matheus (a partir da versão inglesa, disponibilizado por *Christian Classics Ethereal Library*).

Disponível em:

- <https://www.paulomatheus.com/>

A prática da presença de Deus, Irmão Lawrence, tradução de Paulo Matheus Souza de Souza é licenciado pela CC BY-ND 4.0. Para ver uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by-nd/4.0>

Caso queira contribuir financeiramente, ou com apoio técnico e voluntário, mande um e-mail para: contato@paulomatheus.com

Índice

Sobre o Repositório Cristão	7
Prefácio.....	9
Conversas.....	11
Primeira conversa	13
Segunda conversa.....	15
Terceira conversa.....	19
Quarta conversa.....	21
Cartas	25
Primeira carta.....	27
Segunda carta.....	29
Terceira carta	33
Quarta carta	34
Quinta carta	37
Sexta carta	39
Sétima carta.....	41
Oitava carta.....	42
Nona carta.....	43
Décima carta.....	45
Décima primeira carta	46
Décima segunda carta	48
Décima terceira carta.....	49
Décima quarta carta.....	50
Décima quinta carta.....	51
Irmão Lawrence	53

Sobre o Repositório Cristão

O Repositório Cristão surgiu em 2019, sendo um projeto criado para armazenar e divulgar conteúdo cristão clássico e novo. Nosso objetivo é proporcionar acesso a bibliografias confiáveis para pesquisa, levando em conta originalidade e fidelidade da informação. Por conta dessa missão laboriosa, necessitamos sempre de ajuda com relação às traduções realizadas e de quesitos técnico-históricos pertinentes, para que as pesquisas obtenham o máximo de certeza quanto ao conteúdo.

Nosso foco principal é a tradução de artigos e livros que já estejam em domínio público, buscando primeiramente aqueles dos quais não estão disponíveis facilmente - ou seja, que possuem pouca disponibilidade tanto para venda quanto para pesquisa em português.

Temos buscado selecionar trabalhos que envolvam os seguintes assuntos: tradução bíblica, teologia e filosofia cristã, literatura e artigos.

Além disso, nosso trabalho visa a divulgação deste material de forma gratuita. Para isso, dentro do que está a disposição sem custos, obtemos o material para divulgação e tradução principalmente nos portais Gutenberg, CCEL, a Enciclopédia Britannica de 1911, Sermon Index, Archive, Domínio Público, sites de universidades e de pesquisas cristãs que possuam preferencialmente arquivos gratuitos ou em domínio público. No momento, o projeto possui mais de **500** publicações, entre artigos, capítulos de livros e biografias.

Toda ajuda ao projeto será bem vinda, e, acima de tudo, que Deus possa abençoar sua vida com este material.

“Se algum de vocês não tem sabedoria, peça a Deus, que dá a todos os homens de forma livre, e não o censura; e será dado a ele.” (Tiago 1:5 – Bíblia King James Livre).

Prefácio

"Eu acredito na... comunhão dos santos."

Certamente, se fosse necessária uma prova adicional de sua realidade, ela poderia ser encontrada na unidade universal do cristianismo experimental em todas as épocas e em todas as terras. As experiências de Tomás de Kempis, de Tauler e Madame Guyon, de John Woolman e Hester Ann Rogers, quão maravilhosamente eles concordam e como perfeitamente se harmonizam! E Nicholas Herman, de Lorena, cujas cartas e conversas são dadas aqui, testemunha a mesma verdade! Em comunhão com Roma, um irmão leigo entre os carmelitas, durante vários anos um soldado, em uma era irreligiosa, em meio a um povo cético, mas nele a prática da presença de DEUS era tão real quanto o "relógio" dos amigos primitivos, e a "semente sagrada" nele e nos outros era o "estoque" (Isaías 6. 13) a partir do qual crescia a família e a piedade evangelística do século XVIII, de Epworth e de Moorfields.

"Quando não adornado, adornado ao máximo" é a linha que impede qualquer interpolação ou interpretação, exceto os poucos títulos de "conteúdo" fornecidos. Que o "Cristo em você" seja a "esperança da glória" para todos que leem.

CCEL

Conversas

Primeira conversa

Conversão e emprego anterior.

Satisfação na presença de Deus.

Fé, nosso dever.

Renúncia, fruto da vigilância.

A primeira vez que vi o irmão Lawrence foi em 3 de agosto de 1666. Ele me disse que DEUS havia lhe feito um favor singular, em sua conversão aos dezoito anos.

Que no inverno, vendo uma árvore despida de suas folhas, e considerando que em pouco tempo as folhas seriam renovadas, e depois que as flores e os frutos aparecessem, ele recebeu uma grande visão da Providência e Poder de DEUS, que nunca mais foi apagado de sua alma. Que essa visão o libertou perfeitamente do mundo e despertou nele um amor por DEUS, que ele não podia dizer se havia aumentado nos quarenta anos que ele viveu desde então.

Que ele fora laiaio de M. Fieubert, o tesoureiro, e que ele era um grande sujeito desajeitado que quebrou tudo.

Que ele desejava ser recebido em um mosteiro, pensando que seria recompensado por seu constrangimento e pelas falhas que ele deveria cometer, e então ele deveria sacrificar a DEUS sua vida, com seus prazeres: mas que DEUS o decepcionara , ele tendo encontrado nada além de satisfação nesse estado.

Que devemos nos estabelecer no sentido da Presença de DEUS, conversando continuamente com Ele. Que foi uma vergonha parar de conversar com Ele, pensar em insignificâncias e tolices.

Que devemos alimentar e nutrir nossa alma com altas noções de DEUS; o que nos renderia grande alegria por sermos dedicados a Ele.

Que devemos acelerar, isto é, animar nossa fé. Que era lamentável termos tão pouco; e que, em vez de confiar na regra de sua conduta, os homens se divertiam com devoções triviais, que mudavam diariamente. Que o

caminho da fé era o espírito da Igreja e que era suficiente para nos levar a um alto grau de perfeição.

Que devemos nos entregar a DEUS, tanto em relação às coisas temporais quanto espirituais, e buscar nossa satisfação apenas no cumprimento de Sua vontade, se Ele nos conduz pelo sofrimento ou pelo consolo, pois todos seriam iguais a uma alma verdadeiramente resignado. Que havia fidelidade naquelas securas, ou insensibilidades e irritações na oração, pelas quais DEUS tenta nosso amor por Ele; era então a hora de fazermos bons e efetivos atos de resignação, dos quais um sozinho muitas vezes promoveria muito o nosso avanço espiritual.

Que, quanto às misérias e pecados que ele ouvia diariamente no mundo, ele estava tão longe de se perguntar sobre eles, que, pelo contrário, ficou surpreso por não haver mais, considerando que as maldades dos pecadores eram capazes: da sua parte, ele orou por eles; mas sabendo que DEUS poderia remediar as travessuras que fizeram, quando quisesse, não se deu mais trabalho.

Para chegar a tal resignação como DEUS exige, devemos vigiar atentamente todas as paixões que se misturam tanto nas coisas espirituais quanto as de natureza mais grosseira: que DEUS daria luz sobre essas paixões àqueles que realmente desejam servi-Lo. Que, se esse era meu objetivo, sinceramente, servir a DEUS, eu poderia procurá-lo (irmão Lawrence) sempre que quisesse, sem medo de ser problemático; mas se não, não devo mais visitá-lo.

Segunda conversa

Ame o motivo de todos.

Uma vez com medo, agora com alegria.

Diligência e amor.

Simplicidade é a chave da assistência divina.

Negócios no exterior como em casa.

Tempos de oração e auto-mortificação não são essenciais para a prática.

Todos os escrúpulos trazidos a Deus.

Que ele sempre foi governado pelo amor, sem visões egoístas; e que, tendo decidido tornar o amor a DEUS o fim de todas as suas ações, ele encontrou motivos para estar bem satisfeito com seu método. Que ele ficou satisfeito quando pôde pegar um canudo do chão pelo amor de DEUS, buscando somente a Ele, e nada mais, nem mesmo Seus dons.

Que ele havia muito tempo se preocupado com uma certa crença de que ele deveria ser condenado; que todos os homens do mundo não poderiam tê-lo convencido do contrário; mas que ele assim havia raciocinado consigo mesmo: não me envolvi em uma vida religiosa, mas pelo amor a DEUS, e me esforcei para agir apenas por ele; o que quer que seja de mim, seja eu perdido ou salvo, sempre continuarei a agir puramente pelo amor a DEUS. Pelo menos terei esse bem, que até a morte terei feito tudo o que há em mim para amá-Lo. Que esse problema mental durou quatro anos; durante esse tempo ele sofreu muito.

Desde então, ele passou a vida em perfeita liberdade e alegria contínua. Que ele colocou seus pecados entre ele e DEUS, por assim dizer, para lhe dizer que ele não merecia Seus favores, mas que Deus ainda continuou a conceder-lhes em abundância.

Que, a fim de formar o hábito de conversar com DEUS continuamente, e referir tudo o que fazemos a Ele; devemos primeiro aplicar a Ele com alguma diligência: mas, depois de um pouco de cuidado, devemos encontrar Seu amor interiormente nos excitar sem dificuldade.

Que ele esperava que, depois dos dias agradáveis que Deus lhe havia dado, ele deveria ter a sua vez de dor e sofrimento; mas que ele não estava preocupado com isso, sabendo muito bem que, como ele não podia fazer nada de si mesmo, DEUS não deixaria de lhe dar forças para suportá-los.

Que quando uma ocasião de praticar alguma virtude oferecida, ele se dirigiu a DEUS, dizendo: SENHOR, eu não posso fazer isso a menos que me capacite; e que então ele recebeu força mais do que suficiente.

Que, quando ele fracassou em seu dever, ele apenas confessou sua culpa, dizendo a DEUS: Eu nunca farei o contrário, se você me deixar sozinho; Você deve impedir minha queda e consertar o que está errado. Que depois disso, ele não se preocupou mais com isso.

Que devemos agir com DEUS com a maior simplicidade, falando com Ele de maneira franca e clara, e implorando Sua assistência em nossos assuntos, exatamente como eles acontecem. Que DEUS nunca deixou de conceder, como muitas vezes experimentara.

O fato de ele ter sido enviado recentemente à Borgonha para comprar a provisão de vinho para a sociedade, o que foi uma tarefa muito indesejável para ele, porque ele não tinha interesse em negócios e porque era coxo e não podia andar de barco senão por rolando-se sobre os barris. Que, no entanto, ele não se preocupava com isso, nem com a compra do vinho. Que ele disse a DEUS: Era sobre os negócios dele, e que depois achou muito bem-sucedido. Que ele havia sido enviado para Auvergne no ano anterior com a mesma conta; que ele não sabia dizer como o assunto passara, mas que provou muito bem.

Da mesma forma, em seus negócios na cozinha (aos quais ele naturalmente teve uma grande aversão), tendo se acostumado a fazer tudo lá por amor a DEUS, e com oração, em todas as ocasiões, por Sua graça fazer bem seu trabalho. , ele achou tudo fácil, durante os quinze anos em que havia trabalhado lá.

Que ele estava muito satisfeito com o cargo em que estava agora; mas que ele estava tão pronto para desistir disso quanto o anterior, já que estava sempre agradando a si mesmo em todas as condições, fazendo pequenas coisas pelo amor a DEUS.

Que, para ele, os tempos determinados de oração não eram diferentes dos outros tempos: que ele se retirava para orar, de acordo com as instruções do seu superior, mas que não queria essa aposentadoria. nem pedir, porque seu maior negócio não o desviou de DEUS.

Que, como ele conhecia sua obrigação de amar a DEUS em todas as coisas, e como ele se esforçava para fazê-lo, ele não precisava de um diretor para aconselhá-lo, mas que precisava de um confessor para absolvê-lo. Que ele era muito sensível a suas falhas, mas não desanimado por elas; que ele os confessou a Deus, e não implorou contra ele que os desculpas. Quando o fez, retomou pacificamente sua prática habitual de amor e adoração.

Que, em seu problema mental, ele não havia consultado ninguém, mas sabendo apenas pela luz da fé que DEUS estava presente, ele se contentou em dirigir todas as suas ações a Ele, ou seja, fazê-las com um desejo de agradá-Lo, deixe o que venha disso.

Que pensamentos inúteis estragam tudo: que as travessuras começaram ali; mas que devemos rejeitá-los, assim que percebemos sua impertinência em relação ao assunto em questão, ou nossa salvação; e retornar à nossa comunhão com DEUS.

Que no começo ele passara o tempo designado para a oração, rejeitando pensamentos errantes e voltando a eles. Que ele nunca poderia regular sua devoção por certos métodos, como alguns fazem. Isso, no entanto, a princípio ele meditava por algum tempo, mas depois isso ocorreu, de uma maneira que ele não podia dar conta.

Que todas as mortificações corporais e outros exercícios são inúteis, mas como elas servem para chegar à união com DEUS por amor; que ele considerou bem isso, e achou o caminho mais curto para ir direto a Ele através de um exercício contínuo de amor e fazendo todas as coisas por Sua causa.

Que devemos fazer uma grande diferença entre os atos do entendimento e os da vontade; que os primeiros eram comparativamente de pouco valor e os outros todos.

Que o nosso único negócio era amar e deleitar-nos em DEUS.

Que todos os tipos possíveis de mortificação, se fossem desprovidos do amor a DEUS, não poderiam apagar um único pecado. Que devemos, sem ansiedade, esperar o perdão de nossos pecados do Sangue de JESUS CRISTO, procurando apenas amá-lo com todo o coração. Que DEUS parecia ter concedido os maiores favores aos maiores pecadores, como mais sinais de Sua misericórdia.

Que as maiores dores ou prazeres deste mundo não deviam ser comparados com o que ele experimentara de ambos os tipos em um estado espiritual: de modo que ele era cuidadoso por nada e não temia nada, desejando apenas uma única coisa de DEUS, a saber. , para que ele não o ofenda.

Que ele não tinha escrúpulos; pois, disse ele, quando eu falho no meu dever, eu prontamente o reconheço, dizendo: Estou acostumado a fazê-lo: nunca farei o contrário, se for deixado sozinho. Se eu falhar, então agradeço a DEUS, reconhecendo que vem d'Ele.

Terceira conversa

Fé trabalhando por amor.

Negócios externos sem prejuízo.

Demissão perfeita da maneira certa.

O irmão Lawrence me disse que o fundamento da vida espiritual nele havia sido uma elevada noção e estima de Deus pela fé. Quando ele uma vez estabeleceu sua fé, não teve outro cuidado a não ser rejeitar todos os outros pensamentos para que pudesse realizar todas as suas ações pelo amor de Deus. Ele disse que, às vezes, ele não pensava em Deus por um bom tempo, mas não se inquietava por isso. Tendo reconhecido sua miséria a Deus, ele simplesmente retornou a Ele com tanta maior confiança Nele.

Ele disse que a confiança que depositamos em Deus o honra muito e atrai grandes graças. Também, que era impossível não só que Deus enganasse, mas que Ele deixasse muito tempo uma alma sofrer, que é perfeitamente resignada a Ele e resolvida a suportar tudo por amor a Ele.

O irmão Lawrence muitas vezes experimentou o pronto socorro da Graça Divina. E por causa de sua experiência de graça, quando ele tinha negócios a fazer, ele não pensou nisso de antemão. Quando chegou a hora de fazê-lo, ele encontrou em Deus, como num espelho claro, tudo o que coube a ele fazer. Quando os negócios externos o desviam um pouco do pensamento de Deus, uma lembrança nova vinda de Deus investiu sua alma e o inflamou e transportou de tal forma que era difícil para ele se conter. Ele disse que estava mais unido a Deus em seus empregos externos do que quando os deixava por devoção na aposentadoria.

O irmão Lawrence disse que o pior que poderia acontecer com ele era perder aquele senso de Deus que ele tinha desfrutado por tanto tempo. No entanto, a bondade de Deus assegurou-lhe que Ele não o abandonaria totalmente e que Ele lhe daria forças para suportar qualquer mal que permitisse acontecer com ele. O irmão Lawrence, portanto, disse não temer nada. Ele não teve ocasião de consultar alguém sobre seu estado. No passado, quando ele tentava fazer isso, ele sempre ficava mais perplexo.

Desde que o irmão Lawrence estava pronto para dar a sua vida pelo amor de Deus, ele não tinha apreensão do perigo.

Ele disse que a perfeita resignação a Deus era um caminho seguro para o céu, um modo pelo qual sempre temos luz suficiente para nossa conduta. No começo da vida espiritual, devemos ser fiéis em cumprir nosso dever e negar a nós mesmos e depois, depois de algum tempo, prazeres indescritíveis se seguiram. Em dificuldades, precisamos apenas recorrer a Jesus Cristo e implorar Sua graça com a qual tudo se tornou fácil.

O irmão Lawrence disse que muitos não avançam no progresso cristão porque se prendem a penitências e exercícios particulares enquanto negligenciam o amor de Deus que é o fim. Isto apareceu claramente por suas obras e foi a razão pela qual vemos tão pouca virtude sólida. Ele disse que não precisava de arte nem de ciência para ir a Deus, mas apenas um coração resolutamente determinado a se aplicar a nada além Dele e amá-lo apenas.

Quarta conversa

A maneira de ir a Deus.

Renúncia calorosa.

Oração e louvor impedem o desânimo.

Santificação em negócios comuns.

Oração e presença de Deus.

Toda a substância da religião.

Auto-estimativa.

Mais experiência pessoal.

O irmão Lawrence falou com grande abertura de coração a respeito de sua maneira de ir a Deus da qual já existe alguma parte relacionada. Ele me disse que tudo consiste em uma sincera renúncia a tudo o que somos sensatos que não leva a Deus. Podemos nos acostumar a uma conversa contínua com Ele com liberdade e simplicidade. Precisamos apenas reconhecer Deus intimamente presente conosco e nos dirigir a Ele a todo momento. Precisamos implorar a Sua ajuda para conhecer Sua vontade em coisas duvidosas e para realizar corretamente aquelas que claramente vemos que Ele requer de nós, oferecendo-as a Ele antes de realizá-las e dando graças a Ele quando as completamos.

Em nossa conversa com Deus, devemos também nos empenhar em louvar, adorar e amá-lo incessantemente por Sua infinita bondade e perfeição. Sem ser desencorajado por causa de nossos pecados, devemos orar por Sua graça com uma confiança perfeita, confiando nos infinitos méritos de nosso Senhor. O irmão Lawrence disse que Deus nunca falhou em nos oferecer Sua graça em cada ação. Ele nunca falhava, exceto quando os pensamentos do irmão Lawrence tinham se desviado de um sentimento da Presença de Deus, ou ele se esqueceu de pedir Sua ajuda. Ele disse que Deus sempre nos deu luz em nossas dúvidas, quando não tínhamos outra intenção senão agradá-Lo.

Nossa santificação não dependia de mudar nossas obras. Em vez disso, dependia de fazer isso pelo amor de Deus, o que comumente fazemos por nós mesmos. Ele achou que era lamentável ver quantas pessoas confundiram os meios para o fim, se dedicando a certas obras que eles executavam de maneira muito imperfeita em razão de seus sentimentos

humanos ou egoístas. O método mais excelente que ele encontrou para ir a Deus era o de fazer nossos negócios comuns sem qualquer visão de agradar aos homens, mas puramente pelo amor de Deus.

O irmão Lawrence achava que era uma grande ilusão pensar que os momentos de oração deviam diferir dos outros tempos. Somos tão estritamente obrigados a aderir a Deus pela ação no tempo de ação, quanto pela oração em sua época. Sua própria oração não era outra coisa senão uma sensação da presença de Deus, sua alma sendo naquele tempo insensível a tudo, exceto ao Amor Divino. Quando os tempos designados de oração foram passados, ele não encontrou nenhuma diferença, porque ele ainda continuou com Deus, louvando e abençoando-o com todas as suas forças. Assim, ele passou sua vida em alegria contínua. No entanto, ele esperava que Deus lhe desse um pouco para sofrer quando crescesse mais forte.

O irmão Lawrence disse que devemos, de uma vez por todas, depositar toda a nossa confiança em Deus e nos entregar totalmente a Ele, assegurando que Ele não nos enganaria. Não devemos nos cansar de fazer pequenas coisas pelo amor de Deus, que não considera a grandeza do trabalho, mas o amor com o qual é realizado. Não deveríamos nos perguntar se, no início, muitas vezes falhamos em nossos esforços, mas que, por fim, devemos ganhar um hábito que produzirá naturalmente seus atos em nós sem nosso cuidado e nosso grande deleite.

Toda a substância da religião era fé, esperança e caridade. Na prática destes, nos tornamos unidos à vontade de Deus. Tudo o mais é indiferente e para ser usado como um meio para que possamos chegar ao nosso fim e sermos engolidos pela fé e pela caridade. Todas as coisas são possíveis para aquele que acredita. Eles são menos difíceis para quem espera. Eles são mais fáceis para aquele que ama, e ainda mais fácil para aquele que persevera na prática dessas três virtudes. O fim que devemos propor a nós mesmos é tornar-se, nesta vida, os adoradores mais perfeitos de Deus que podemos ser, e como esperamos ser por toda a eternidade.

Devemos, de tempos em tempos, considerar honestamente e examinar cuidadosamente a nós mesmos. Nós, então, perceberemos que somos dignos de grande desprezo. O irmão Lawrence observou que, quando nos confrontamos diretamente dessa maneira, entenderemos por que estamos sujeitos a todo tipo de miséria e problemas. Vamos perceber por que estamos sujeitos a mudanças e flutuações em nossa saúde, perspectivas

mentais e disposições. E nós, de fato, reconheceremos que merecemos toda a dor e trabalho que Deus envia para nos humilhar.

Depois disso, não devemos nos surpreender que problemas, tentações, oposições e contradições nos aconteçam a partir dos homens. Devemos, pelo contrário, nos submeter a eles e suportá-los enquanto Deus quiser coisas altamente vantajosas para nós. A maior perfeição que uma alma aspira, mais dependente dela é a Graça Divina.

Sendo questionado por um de sua própria comunidade (a quem ele foi obrigado a se abrir) por que meios ele havia atingido tal senso habitual de Deus, o irmão Lawrence disse a ele que, desde a sua primeira vinda ao mosteiro, ele havia considerado Deus como o fim de todos os seus pensamentos e desejos, como a marca para a qual eles deveriam tender, e no qual eles deveriam terminar.

Ele observou que no início de seu noviciado ele passava as horas designadas para orações particulares ao pensar em Deus, de modo a convencer sua mente e a imprimir profundamente em seu coração a existência Divina. Ele fez isso por sentimentos devotos e submissão às luzes da fé, ao invés de raciocínios estudados e meditações elaboradas. Por esse método curto e seguro, ele se exercitou no conhecimento e no amor de Deus, resolvendo usar seu máximo esforço para viver em um sentido contínuo de Sua Presença e, se possível, nunca mais esquecê-lo.

Quando ele tinha assim, em oração, encheu sua mente com grandes sentimentos daquele Ser Infinito, ele foi para o seu trabalho designado na cozinha (pois ele era então cozinheiro para a comunidade). Havendo primeiro considerado separadamente as coisas que seu ofício exigia, e quando e como cada coisa deveria ser feita, ele passava todos os intervalos de seu tempo, tanto antes quanto depois de seu trabalho, em oração.

Quando ele começou seus negócios, ele disse a Deus com uma filial confiança nEle: "Ó meu Deus, desde que Tu estás comigo, e eu devo agora, em obediência aos teus mandamentos, aplicar minha mente a estas coisas externas, eu peço a Ti conceder-me a graça de continuar em Tua Presença, e para este fim Tu me prosperar com Teu auxílio, receber todas as minhas obras, e possuir todas as minhas afeições ". Enquanto prosseguia em seu trabalho, ele continuou sua conversa familiar com seu Criador, implorando Sua graça e oferecendo a Ele todas as suas ações.

Quando ele terminou, ele se examinou como ele havia cumprido seu dever. Se ele achou bem, ele retornou graças a Deus. Caso contrário, ele pediu perdão e, sem desanimar, voltou a pensar direito. Ele então continuou seu exercício da presença de Deus como se nunca tivesse se desviado dele. "Assim", disse ele, "levantando-me depois das minhas quedas, e por atos freqüentemente renovados de fé e amor, cheguei a um estado em que seria tão difícil para mim não pensar em Deus como era a princípio acostumar-se a mim mesmo. "

Como o irmão Lawrence encontrou tal vantagem ao andar na presença de Deus, era natural que ele recomendasse seriamente a outros. Mais notavelmente, seu exemplo foi um incentivo mais forte do que qualquer argumento que ele pudesse propor. Seu semblante era edificante, com uma devoção tão doce e calma aparecendo que ele não podia deixar de afetar os espectadores.

Observou-se que, na maior pressa dos negócios na cozinha, ele ainda preservava sua lembrança e sua mentalidade celestial. Ele nunca foi apressado nem hesitante, mas fez cada coisa em sua temporada com uma compostura ininterrupta e tranqüilidade de espírito. "O tempo dos negócios", disse ele, "não me diverge do tempo da oração. No barulho e na desordem da minha cozinha, enquanto várias pessoas ao mesmo tempo pedem coisas diferentes, possuo Deus em tão grande tranqüilidade como se eu estivesse de joelhos na Santa Ceia."

Cartas

Primeira carta

Como o senso habitual da presença de Deus foi encontrado.

Você deseja tão sinceramente que eu descreva o método pelo qual cheguei àquele senso habitual da presença de Deus, que nosso misericordioso Senhor tem o prazer de conceder-me. Estou cumprindo o seu pedido com o meu pedido para que você não mostre minha carta para ninguém. Se eu soubesse que você deixaria isso ser visto, todo o desejo que tenho por seu progresso espiritual não seria suficiente para me fazer cumprir.

O relato que posso lhe dar é: Tendo encontrado em muitos livros diferentes métodos de ir a Deus e diversas práticas da vida espiritual, achei que isso serviria mais para me confundir do que facilitar o que eu procurava, que não era nada além de como me tornar totalmente de Deus. Isso me fez resolver dar tudo pelo Todo. Depois de ter me dado totalmente a Deus, para fazer toda a satisfação que pude pelos meus pecados, renunciei, pelo amor Dele, a tudo o que não era Ele, e comecei a viver como se não houvesse ninguém senão Ele e eu no mundo.

Às vezes eu me considerava diante dele como um criminoso pobre aos pés de seu juiz. Outras vezes, eu o vi em meu coração como meu Pai, como meu Deus. Eu o adorava o mais vezes que pude, mantendo minha mente em Sua santa presença e lembrando-a quantas vezes eu achasse que se afastava d'Ele. Eu fiz disso o meu negócio, não apenas nos tempos determinados de oração, mas o tempo todo; a cada hora, a cada minuto, mesmo no auge do meu trabalho, eu dirigia da minha mente tudo o que interrompia meus pensamentos sobre Deus.

Não encontrei pouca dor neste exercício. No entanto, continuei, apesar de todas as dificuldades que ocorreram. E eu tentei não incomodar ou me inquietar quando minha mente vagou. Tal tem sido minha prática comum desde que entrei na vida religiosa. Embora eu tenha feito isso de maneira muito imperfeita, encontrei grandes vantagens com isso. Estes, eu bem sei, devem ser imputados à misericórdia e bondade de Deus porque não podemos fazer nada sem Ele; e eu ainda menos que qualquer um.

Quando somos fiéis em nos manter em Sua santa presença e colocá-Lo sempre diante de nós, isso impede que ofendamos a Deus e façamos algo que possa desagradá-lo. Também gera em nós uma liberdade sagrada e, se assim posso falar, uma familiaridade com Deus, onde, quando pedimos, Ele fornece as graças de que precisamos. Com o tempo, repetindo freqüentemente esses atos, eles se tornam habituais e a presença de Deus se torna bastante natural para nós.

Por favor, agradeça-Lhe por mim, por Sua grande bondade para comigo, que eu nunca consegui expressar suficientemente, e pelos muitos favores que Ele fez a um pecador tão miserável quanto eu. Que todas as coisas o louvem. Amém.

Segunda carta

Diferença entre ele e os outros.

Somente a fé de forma consistente e persistente.

Reprova esse estado sendo considerado uma ilusão.

Não encontrando meu modo de vida descrito nos livros, embora não tenha nenhum problema com isso, ainda assim, para me assegurar, gostaria de receber sua opinião sobre isso.

Na conversa de alguns dias atrás, uma pessoa devota me disse que a vida espiritual era uma vida de graça, que começa com o medo servil, que é aumentado pela esperança da vida eterna, e que é consumado pelo amor puro; que cada um desses estados teve seus diferentes passos, através dos quais um chega finalmente àquela abençoada consumação.

Eu não segui esses métodos. Pelo contrário, intuitivamente senti que eles me desencorajariam. Em vez disso, na minha entrada na vida religiosa, tomei uma resolução para me entregar a Deus como a melhor satisfação que eu poderia fazer pelos meus pecados e, pelo amor a Ele, renunciar a todos os outros.

Nos primeiros anos, geralmente me empreguei durante o tempo reservado para a devoção com pensamentos de morte, julgamento, inferno, céu e meus pecados. Assim, continuei alguns anos aplicando cuidadosamente minha mente pelo resto do dia, e até mesmo em meio ao meu trabalho, à presença de Deus, a quem sempre considerava como a mim, muitas vezes como em meu coração.

Por fim, comecei a fazer a mesma coisa durante o meu tempo de oração, o que me deu alegria e consolação. Essa prática produziu em mim uma estima tão alta por Deus que a fé sozinha foi suficiente para me assegurar.

Esse foi o meu começo. No entanto, devo dizer-lhe que nos primeiros dez anos sofri muito. Durante esse tempo caí com frequência e ressuscitei de novo. Pareceu-me que todas as criaturas, a razão e o próprio Deus estavam contra mim e somente a fé para mim.

A apreensão de que eu não era dedicado a Deus como desejava ser, meus pecados passados sempre presentes em minha mente e os grandes favores imerecidos que Deus me fez, eram a fonte de meus sofrimentos e sentimentos de indignidade. Às vezes eu ficava perturbado com pensamentos que acreditar que eu recebera tais favores era um efeito da minha imaginação, que fingia ser tão cedo que outros chegavam com grande dificuldade. Outras vezes, acreditava que era uma ilusão voluntária e que realmente não havia esperança para mim.

Finalmente, considerei a perspectiva de passar o resto dos meus dias nesses problemas. Descobri que isso não diminuía a confiança que eu tinha em Deus. Na verdade, só serviu para aumentar minha fé. Pareceu então que, de repente, me vi mudado. Minha alma, que até aquele momento estava com problemas, sentiu uma profunda paz interior, como se ela estivesse em seu centro e lugar de descanso.

Desde aquela época eu ando diante de Deus simplesmente, com fé, com humildade e com amor. Eu me dedico diligentemente a não fazer nada e não penso em nada que possa desagradá-lo. Espero que, quando tiver feito o que puder, Ele faça comigo o que Ele quiser.

Quanto ao que passa em mim no presente, não posso expressá-lo. Não tenho dor ou dificuldade com o meu estado porque não tenho vontade senão a de Deus. Eu me esforço para cumprir a Sua vontade em todas as coisas. E eu estou tão resignado que eu não pegaria uma palha do chão contra a Sua ordem ou de qualquer motivo que não fosse puro amor a Ele.

Acabei com todas as formas de devoção e fiz preces, exceto aquelas que meu estado requer. Faço da minha prioridade perseverar em Sua santa presença, em que mantenho uma simples atenção e uma consideração amorosa por Deus, que posso chamar de uma presença real de Deus. Ou, para colocar de outra forma, é uma conversação habitual, silenciosa e privada da alma com Deus. Isso me dá muita alegria e contentamento. Em resumo, tenho certeza, sem sombra de dúvida, que minha alma esteve com Deus acima dos últimos trinta anos. Eu passo por muitas coisas que eu não posso ser entediante para você.

No entanto, penso que é apropriado dizer-lhe como me vejo diante de Deus, a quem vejo como meu Rei. Eu me considero o mais miserável dos homens. Eu estou cheio de falhas, falhas e fraquezas, e cometi todo o tipo de crimes contra o seu rei. Tocado com um arrependimento sensato

confesso toda a minha maldade a ele. Eu peço o perdão dele. Eu me abandono em Suas mãos para que Ele possa fazer o que quiser comigo.

Meu Rei é cheio de misericórdia e bondade. Longe de me castigar, Ele me abraça com amor. Ele me faz comer à sua mesa. Ele me serve com as próprias mãos e me dá a chave para os seus tesouros. Ele conversa e se deleita comigo incessantemente, de mil e mil maneiras. E ele me trata em todos os aspectos como seu favorito. Desta maneira, eu me considero continuamente em Sua santa presença.

Meu método mais comum é essa simples atenção, uma afetuosa consideração por Deus, a quem me vejo frequentemente apegado com maior doçura e deleite do que a de uma criança no seio da mãe. Para escolher uma expressão, eu chamaria esse estado de o seio de Deus, pela doçura inexprimível que provo e experimento ali. Se, a qualquer momento, meus pensamentos se afastam disso por necessidade ou enfermidade, sou recordado por emoções interiores tão encantadoras e deliciosas que não consigo encontrar palavras para descrevê-las. Por favor, reflita sobre a minha grande miséria, da qual você está plenamente informado, ao invés de nos grandes favores que Deus faz como indignos e ingratos como eu sou.

Quanto às minhas horas de oração, elas são simplesmente uma continuação do mesmo exercício. Às vezes me considero como uma pedra diante de um escultor, do qual ele faz uma estátua. Apresentando-me assim diante de Deus, desejo que Ele faça Sua imagem perfeita em minha alma e me torne inteiramente semelhante a Si mesmo. Outras vezes, quando me dedico à oração, sinto todo o meu espírito elevado sem qualquer cuidado ou esforço da minha parte. Isto freqüentemente continua como se estivesse suspenso, mas firmemente fixado em Deus como um centro ou lugar de descanso.

Eu sei que alguns acusam esse estado de inatividade, ilusão e amor-próprio. Confesso que é uma inatividade santa. E seria um amor-próprio feliz se a alma, nesse estado, fosse capaz disso. Mas enquanto a alma está nesse repouso, ela não pode ser perturbada pelos tipos de coisas com os quais ela estava acostumada anteriormente. As coisas que a alma costumava depender agora dificultariam em vez de ajudá-la.

No entanto, não consigo ver como isso poderia ser chamado de imaginação ou ilusão, porque a alma que desfruta de Deus dessa maneira

não quer nada além d'Ele. Se isso é ilusão, então somente Deus pode remediar isso. Deixe que Ele faça o que quiser comigo. Eu desejo apenas a Ele e ser totalmente dedicado a ele.

Por favor, envie-me sua opinião, pois valorizo muito e tenho uma estima singular pela sua reverência e sou sua.

Terceira carta

Para um soldado amigo em quem ele encoraja a confiar em Deus.

Temos um Deus que é infinitamente gracioso e conhece todos os nossos desejos. Eu sempre pensei que Ele reduziria você à extremidade. Ele virá em seu próprio tempo, e quando você menos espera. Espero n'Ele mais do que nunca. Agradeça-o comigo pelos favores que Ele faz a você, particularmente pela fortaleza e paciência que Ele lhe dá em suas aflições. É uma marca simples do cuidado que Ele toma de você. Conforta-te com ele e agradeça a todos.

Admiro também a fortaleza e bravura de M ... Deus lhe deu uma boa disposição e boa vontade; mas ele ainda é um pouco mundano e um pouco imaturo. Espero que a aflição que Deus lhe enviou o ajude a fazer alguma reflexão e busca interior e que possa ser um remédio saudável para ele. É uma chance para ele colocar toda sua confiança em Deus que o acompanha em todos os lugares. Deixe-o pensar nele o máximo que puder, especialmente em tempos de grande perigo.

Um pouco de levantar o coração e uma lembrança de Deus é suficiente. Um ato de adoração interior, embora em uma marcha com espada na mão, são orações que, ainda que curtas, são, no entanto, muito aceitáveis para Deus. E, longe de diminuir a coragem de um soldado em ocasiões de perigo, eles realmente servem para fortalecê-lo. Deixe-o pensar em Deus sempre que possível. Deixe-o acostumar-se, aos poucos, a este pequeno, mas santo exercício. Ninguém o vê, e nada é mais fácil do que repetir essas pequenas adorações internas durante todo o dia.

Por favor, recomendo a ele que ele pense em Deus o máximo que ele puder dessa maneira. É muito adequado e muito necessário para um soldado que diariamente enfrenta perigo para a sua vida e, muitas vezes, para a própria salvação.

Espero que Deus o ajude e a toda a família, a quem eu apresento o meu serviço, sendo deles e seus.

Quarta carta

Escreve a si mesmo como terceira pessoa e incentiva seu correspondente a continuar praticando mais plenamente a Presença de Deus.

Aproveito esta oportunidade para falar sobre os sentimentos de uma de nossas sociedades em relação aos efeitos admiráveis e à assistência contínua que recebe da presença de Deus. Que ambos possamos lucrar com eles.

Nos últimos quarenta anos, seu cuidado contínuo foi estar sempre com Deus; e nada fazer, não dizer nada e não pensar em nada que possa desagradá-lo. Ele faz isso sem qualquer visão ou motivo, exceto puro amor a Ele e porque Deus merece infinitamente mais.

Ele está agora tão acostumado a essa presença divina que recebe dele conforto e paz contínuos. Por cerca de trinta anos sua alma se encheu de alegria e deleite tão contínua, e às vezes tão grande, que ele é forçado a encontrar maneiras de esconder sua aparição exteriormente a outros que podem não entender.

Se às vezes ele se torna um pouco distraído dessa presença divina, Deus se lembra suavemente de si mesmo com uma agitação em sua alma. Isso geralmente acontece quando ele está mais envolvido em suas tarefas e tarefas externas. Ele responde com fidelidade exata a esses desenhos internos, seja por uma elevação de seu coração em direção a Deus, seja por uma consideração amorosa e carinhosa com Ele, ou por palavras como formas de amor nessas ocasiões. Por exemplo, ele pode dizer: "Meu Deus, aqui estou todo devotado a você" ou "Senhor, faz-me segundo o teu coração".

Parece-lhe (na verdade, ele sente isso) que esse Deus de amor, satisfeito com poucas palavras, repousa novamente e repousa na profundidade e no centro de sua alma. A experiência dessas coisas dá a ele a certeza de que Deus está sempre na parte mais interna de sua alma, e que ele está além de duvidar disso em quaisquer circunstâncias.

Julgue por isso que conteúdo e satisfação ele gosta. Enquanto ele continuamente encontra em si mesmo um tesouro tão grande, ele não tem mais necessidade de procurá-lo. Ele não tem mais nenhuma ansiedade em encontrá-lo porque agora tem seu lindo tesouro aberto diante dele e pode pegar o que lhe agrada.

Ele freqüentemente aponta nossa cegueira e exclama que aqueles que se contentam com tão pouco são dignos de pena. Deus, diz ele, tem infinito tesouro para doar, e nós tomamos tão pouco através da devoção rotineira que dura apenas um momento. Cegos como somos, impedimos a Deus e paramos a corrente de suas graças. Mas quando Ele encontra uma alma penetrada com uma fé viva, Ele penetra nela Suas graças e favorece abundantemente. Lá eles fluem como uma torrente que, depois de ser forçada a parar em seu curso normal, quando encontrou uma passagem, se espalha com impetuosidade e abundância.

No entanto, muitas vezes paramos essa torrente pelo pouco valor que atribuímos a ela. Não vamos mais parar. Vamos entrar em nós mesmos e quebrar o banco que o impede. Vamos abrir caminho para a graça. Vamos resgatar o tempo perdido, pois talvez tenhamos pouco sobrando. A morte nos segue de perto, então vamos estar bem preparados para isso. Nós morremos, mas uma vez e um erro, é irreversível.

Eu digo novamente, vamos entrar em nós mesmos. O tempo aperta. Não há espaço para atrasos. Nossas almas estão em jogo. Parece-me que você está preparado e tomou medidas efetivas para que você não seja pego de surpresa. Eu recomendo-o por isso. É a única coisa necessária. Devemos sempre trabalhar nisso, porque não perseverar na vida espiritual é voltar atrás. Mas aqueles que têm o vendaval do Espírito Santo seguem em frente mesmo no sono. Se a vasilha da nossa alma ainda estiver cheia de ventos e tempestades, vamos despertar o Senhor que nela repousa. Ele rapidamente acalmará o mar.

Tomei a liberdade de transmitir a você esses bons sentimentos que você pode compará-los com os seus. Que eles sirvam para re-acendê-los, se a qualquer momento eles puderem ser um pouco resfriados. Vamos recordar nossos primeiros favores e lembrar de nossas primeiras alegrias e confortos. E, vamos nos beneficiar do exemplo e sentimentos deste irmão que é pouco conhecido pelo mundo, mas conhecido e extremamente acariciado por Deus.

Vou orar por você. Por favor, ore também por mim, como eu sou seu em nosso Senhor.

Quinta carta

Oração por uma irmã que está prestes a fazer um voto e uma profissão.

Uma nova insistência na necessidade e virtude de praticar a Presença de Deus.

Hoje recebi dois livros e uma carta da Irmã M—, que está se preparando para fazer sua profissão. Ela deseja as orações de sua sociedade santa e a sua em particular. Eu acho que ela valoriza muito o seu apoio. Por favor, não a desaponte. Ore a Deus para que ela possa fazer seus votos em vista somente do Seu amor, e com uma firme resolução de ser inteiramente dedicado a Ele. Eu lhe enviarei um desses livros sobre a presença de Deus; um assunto que, na minha opinião, contém toda a vida espiritual. Parece-me que quem quer que o pratique logo se tornará devoto.

Sei que, para a prática correta, o coração deve estar vazio de todas as outras coisas; porque Deus possuirá o coração sozinho. Como Ele não pode possuí-lo sozinho, sem esvaziá-lo de todos os outros, assim também não pode agir lá e fazer nele o que lhe agrada, a menos que seja deixado vago para ele. Não existe no mundo um tipo de vida mais doce e prazerosa do que a de uma conversa contínua com Deus. Somente aqueles podem compreender quem pratica e experimenta. No entanto, eu não aconselho você a fazer isso por esse motivo. Não é prazer que devemos procurar neste exercício. Vamos fazê-lo a partir de um princípio de amor e porque é a vontade de Deus para nós.

Se eu fosse um pregador, eu faria, acima de todas as outras coisas, pregar a prática da presença de Deus. Se eu fosse um diretor, aconselharia todo o mundo a fazê-lo, por isso é necessário, acho, e tão fácil também. Ah! Sabíamos que nós, mas o desejo que temos da graça e assistência de Deus, nunca perderíamos de vista dele, não, nem por um momento.

Acredite em mim. Imediatamente, faça uma resolução santa e firme nunca mais para esquecê-Lo. Resolva passar o resto de seus dias em Sua presença sagrada, privado de todo consolo pelo amor a Ele, se achar adequado. Defina cordialmente esse trabalho e, se fizer isso com sinceridade, assegure-se de que logo encontrará os efeitos dele.

Eu vou ajudá-lo com minhas orações, pobres como elas são. Eu recomendo-me fervorosamente a você e àqueles da sua santa sociedade.

Sexta carta

A um membro da ordem que recebeu dele um livro e a quem ele novamente amplia seu tópico favorito.

Incentivo a perseverar.

Eu recebi de M - as coisas que você deu a ela por mim. Eu me pergunto se você não me deu seus pensamentos sobre o pequeno livro que lhe enviei e que você deve ter recebido. Defina cordialmente a prática disso na sua velhice. É melhor tarde do que nunca.

Não consigo imaginar como as pessoas religiosas podem viver satisfeitas sem a prática da presença de Deus. De minha parte, eu me mantenho aposentado com Ele no fundo e no centro de minha alma, tanto quanto posso. Enquanto estou com ele, não temo nada; mas o menor desvio Dele é insuportável. Esta prática não cansa o corpo. No entanto, é apropriado privá-lo, às vezes, muitas vezes, de muitos pequenos prazeres que são inocentes e lícitos. Deus não permitirá uma alma que deseje dedicar-se inteiramente a Ele para tomar prazeres a não ser com Ele. Isso é mais do que razoável.

Eu não digo que devemos colocar qualquer restrição violenta sobre nós mesmos. Não, devemos servir a Deus em uma liberdade sagrada. Devemos trabalhar fielmente sem problemas ou inquietações, lembrando nossa mente a Deus com suavidade e tranqüilidade quantas vezes a encontrarmos vagando dEle. É, no entanto, necessário colocar toda a nossa confiança em Deus. Devemos deixar de lado todos os outros cuidados e até mesmo algumas formas de devoção, embora muito boas em si mesmas, mas que frequentemente nos envolvem rotineiramente. Essas devoções são apenas meios para atingir o fim. Uma vez que tenhamos estabelecido o hábito da prática da presença de Deus, estamos então com Aquele que é o nosso fim. Não temos necessidade de retornar aos meios. Podemos simplesmente continuar com Ele em nosso comércio de amor, perseverando em Sua santa presença com um ato de louvor, de adoração, de desejo ou com um ato de resignação, ou ação de graças, e de todas as maneiras pelas quais nossos espíritos podem inventar.

Não se desencoraje pela repugnância que pode encontrar nela da natureza. Você deve se sacrificar. No início, muitas vezes se considera uma perda de tempo. Mas você deve continuar e resolver perseverar até a morte, apesar de todas as dificuldades que possam ocorrer.

Eu recomendo-me às orações da sua santa sociedade e à sua em particular. Eu sou seu em nosso Senhor.

Sétima carta

Com quase quatro anos exorta seu correspondente, que tem sessenta e quatro anos, a viver e morrer com Deus, e promete e pede oração.

Tenho pena de você. Será um grande alívio se você puder deixar os cuidados de seus afazeres para M - e passar o resto de sua vida apenas em adorar a Deus. Ele não requer grandes assuntos de nós; uma pequena lembrança Dele de tempos em tempos, um pouco de adoração. Às vezes, orar por Sua graça. Às vezes para oferecer-lhe seus sofrimentos. E, às vezes, devolvê-lo graças pelos favores que Ele lhe deu, e ainda dá a você, no meio de suas dificuldades. Consola-se com Ele o mais freqüente que puder. Levante seu coração para Ele em suas refeições e quando estiver em companhia. A menor lembrança será sempre agradável a ele.

Você não precisa chorar muito alto. Ele está mais próximo de nós do que estamos cientes. E nem sempre temos que estar na igreja para estar com Deus. Podemos fazer um oratório de nosso coração para que possamos, de vez em quando, retirar-se para conversar com Ele em mansidão, humildade e amor. Cada um é capaz de uma conversa tão familiar com Deus, alguns mais, outros menos. Ele sabe o que podemos fazer.

Vamos começar então. Talvez Ele espere apenas uma generosa resolução de nossa parte. Tenha coragem. Nós temos pouco tempo para viver. Você tem quase sessenta e quatro anos e eu tenho quase oitenta anos. Vamos viver e morrer com Deus. Os sofrimentos serão doces e agradáveis enquanto estamos com ele. Sem Ele, os maiores prazeres serão um castigo cruel para nós. Que ele seja abençoado por todos.

Aos poucos, acostume-se a adorá-lo dessa maneira; implorar sua graça, para oferecer-lhe seu coração de vez em quando; no meio do seu negócio, mesmo a cada momento, se puder. Nem sempre confinem-se escrupulosamente a certas regras ou formas particulares de devoção. Em vez disso, aja com fé, com amor e humildade.

Você pode assegurar M de minhas preces pobres, e que eu sou seu servo, e seu particularmente.

Oitava carta

Sobre pensamentos errantes em oração.

Você não me diz nada de novo. Você não é o único que está preocupado com pensamentos errantes. Nossa mente é extremamente errante. Mas a vontade é dona de todas as nossas faculdades. Ela deve recordar nossos pensamentos dispersos e levá-los a Deus como seu fim final.

Se a mente não é suficientemente controlada e disciplinada em nosso primeiro compromisso com a devoção, ela contrai certos maus hábitos de perambulação e dissipação. Estes são difíceis de superar. A mente pode nos atrair, mesmo contra a nossa vontade, para coisas mundanas. Eu acredito que um remédio para isso é humildemente confessar nossas falhas e implorar a misericórdia e ajuda de Deus.

Eu não aconselho você a usar multiplicidade de palavras em oração. Muitas palavras e longos discursos são frequentemente ocasiões de perambulação. Mantenha-se em oração diante de Deus, como um mendigo mudo ou paralisado no portão de um homem rico. Deixe que seja da sua conta manter sua mente na presença do Senhor. Se a sua mente, às vezes, vagueia e se afasta Dele, não fique chateado. O problema e a inquietação servem antes para distrair a mente do que para re-coletá-la. A vontade deve trazê-lo de volta em tranquilidade. Se perseverar desta maneira, Deus terá pena de você.

Uma forma de recolocar a mente com facilidade no tempo da oração e preservá-la mais tranquilamente é não deixá-la vagar demais em outras ocasiões. Mantenha sua mente estritamente na presença de Deus. Então, estando acostumado a pensar Nele com frequência, você achará fácil manter sua mente calma no tempo da oração, ou pelo menos evocá-la de suas peripécias. Já lhes falei das vantagens que podemos tirar dessa prática da presença de Deus. Vamos nos apressar seriamente e orar uns pelos outros.

Nona carta

**Anexar uma carta a uma irmã correspondente, a quem ele considera com respeito tingida de medo.
Seu antigo tema se torna conciso.**

O anexo é uma resposta àquilo que recebi de M. —. Por favor, entregue para ela. Ela é cheia de boa vontade, mas ela iria mais rápido que a graça! Ninguém se torna santo de uma só vez. Eu a recomendo para sua orientação. Devemos ajudar uns aos outros por nosso conselho, e ainda mais pelo nosso bom exemplo. Por favor, deixe-me ouvi-la de vez em quando e se ela é muito fervorosa e obediente.

Consideremos freqüentemente que nosso único negócio nesta vida é agradar a Deus, que talvez tudo além disso seja apenas loucura e vaidade. Você e eu vivemos mais de quarenta anos na vida monástica. Empregamo-los em amar e servir a Deus, que por Sua misericórdia nos chamou a esse estado e por esse mesmo fim? Às vezes estou cheia de vergonha e confusão quando, por um lado, reflito sobre os grandes favores que Deus fez e continua a fazer por mim; e, por outro, sobre o mau uso que deles fiz e meu pequeno avanço no caminho da perfeição.

Visto que, por Sua misericórdia, Ele nos dá ainda um pouco de tempo, vamos começar a sério. Vamos consertar o tempo perdido. Retornemos com plena certeza ao Pai das misericórdias, que está sempre pronto para nos receber afetuosamente. Vamos renunciar generosamente, pelo amor a Ele, tudo o que não é ele mesmo. Ele merece infinitamente mais. Vamos pensar nele com perpetuidade. Vamos colocar toda a nossa confiança n'Ele.

Não tenho dúvidas de que em breve receberemos uma abundância de Sua graça, com a qual podemos fazer todas as coisas e sem as quais não podemos fazer nada senão pecar. Não podemos escapar dos perigos que abundam na vida sem a ajuda real e contínua de Deus. Vamos orar a Ele por isso constantemente.

Como podemos orar a Ele sem estar com Ele? Como podemos estar com ele, mas pensando nele muitas vezes? E como podemos muitas vezes

pensar n'Ele, mas por um hábito sagrado que devemos formar dele? Você vai me dizer que eu sempre digo a mesma coisa. É verdade, pois esse é o melhor e mais fácil método que conheço. Eu não uso outro. Eu aconselho todo o mundo a fazer isso.

Nós devemos saber antes que possamos amar. Para conhecer a Deus, devemos muitas vezes pensar nele. E quando chegarmos a amá-Lo, então também pensaremos nele com frequência, pois nosso coração estará com nosso tesouro.

Décima carta

Tem dificuldade, mas sacrifica sua vontade, de escrever conforme solicitado.

A perda de um amigo pode levar a um conhecimento dele.

tive muita dificuldade em escrever para M.—. Eu faço isso agora puramente porque você deseja que eu faça isso. Por favor, enderece e envie para ele. É agradável ver toda a fé que você tem em Deus. Que ele aumente em você cada vez mais. Não podemos confiar demais em um Amigo tão bom e fiel que jamais nos falhe neste mundo nem no próximo.

Se M. - se aproveita da perda que teve e põe toda a sua confiança em Deus, logo lhe dará outro amigo mais poderoso e mais inclinado a servi-lo. Ele dispõe de corações como quer. Talvez M. - estivesse muito ligado a ele, ele perdeu. Devemos amar nossos amigos, mas sem invadir o amor de Deus, que deve ser sempre o primeiro.

Por favor, mantenha minha recomendação em mente que você pensa em Deus com frequência; de dia, à noite, no seu negócio e até nos seus desvios. Ele está sempre perto de você e com você. Não deixe ele sozinho. Você pensaria que seria rude deixar um amigo sozinho que veio visitá-lo. Por que, então, Deus deve ser negligenciado? Não se esqueça Dele, mas pense Nele com frequência. Adore-o continuamente. Viva e morra com ele. Este é o trabalho glorioso de um cristão; em uma palavra, esta é nossa profissão. Se não sabemos, devemos aprender.

Eu me esforcei para ajudá-lo com minhas orações e sou seu em nosso Senhor.

Décima primeira carta

Para quem está com muita dor. Deus é o médico do corpo e da alma.

Sente que ele sofreria com prazer por Seu desejo.

Eu não oro para que você seja liberto de suas dores; mas eu oro fervorosamente para que Deus lhe dê força e paciência para suportá-los enquanto Ele desejar. Conforta-te com aquele que te mantém preso à cruz. Ele soltará você quando achar adequado. Felizes são aqueles que sofrem com ele. Acostume-se a sofrer dessa maneira, e busque Dele a força para suportar tanto, e por quanto tempo julgar necessário para você.

As pessoas mundanas não compreendem essas verdades. Não é de estranhar, pois eles sofrem como o que são e não como cristãos. Eles veem a doença como uma dor contra a natureza e não como um favor de Deus. Vendo-o apenas nessa luz, eles não encontram nada além de tristeza e aflição. Mas aqueles que consideram a doença como vindo da mão de Deus, por Sua misericórdia e como os meios que Ele usa para sua salvação, comumente encontram doçura e consolação nela.

Oro para que você veja que Deus está sempre mais perto de nós e está presente em nós na doença do que na saúde. Não confie completamente em outro médico porque Ele reserva sua cura para si mesmo. Coloque toda sua confiança em Deus. Você logo encontrará os efeitos em sua recuperação, que muitas vezes adiamos colocando mais fé na medicina do que em Deus. Quaisquer remédios que você use, eles serão bem-sucedidos apenas na medida em que Ele permitir. Quando as dores vêm de Deus, somente Ele pode finalmente curá-las. Ele muitas vezes envia doenças ao corpo para curar doenças da alma. Conforta-te com o Soberano Médico da alma e do corpo.

Espero que você diga que estou muito à vontade e que eu como e bebo à mesa do Senhor. Você tem razão. Mas pense como seria doloroso para o maior criminoso do mundo comer à mesa do rei e ser servido por ele, mas não ter garantia de perdão? Acredito que ele sentiria uma ansiedade que nada poderia acalmar exceto sua confiança na bondade de seu soberano. Assim, asseguro-lhe que todos os prazeres que sinto na mesa do meu rei,

os meus pecados, sempre presentes diante dos meus olhos, bem como a incerteza do meu perdão, me atormentam. Embora eu aceite esse tormento como algo agradável a Deus.

Fique satisfeito com a condição em que Deus coloca você. Por mais feliz que você possa me achar, eu invejo você. Dor e sofrimento seriam um paraíso para mim, se eu pudesse sofrer com meu Deus. Os maiores prazeres seriam o inferno se eu os apreciasse sem ele. Meu único consolo seria sofrer algo por amor a ele.

Eu devo, em pouco tempo, ir a Deus. O que me conforta nesta vida é que agora eu o vejo pela fé. Eu O vejo de tal maneira que às vezes digo, não acredito mais, mas vejo. Sinto o que a fé nos ensina e, nessa segurança e prática da fé, vivo e morro com ele.

Permaneça com Deus sempre, pois Ele é o único apoio e conforto para sua aflição. Eu suplicarei a Ele que esteja com você. Eu apresento meu serviço.

Décima segunda carta

Provavelmente ao mesmo correspondente, e expressa seu próprio conforto permanente pela fé.

Se estivéssemos bem acostumados à prática da presença de Deus, os desconfortos corporais seriam grandemente aliviados. Deus muitas vezes nos permite sofrer um pouco para purificar nossas almas e nos obrigar a permanecer perto Dele.

Tome coragem. Ofereça-lhe sua dor e ore a Ele por força para suportá-los. Acima de tudo, adquira o hábito de pensar muitas vezes em Deus e esqueça-o o mínimo que puder. Adore-o em suas fraquezas. Ofereça-se a Ele de tempos em tempos. E, no auge de seus sofrimentos, humilhe-o e afete-o afetosamente (quando criança, seu pai) para torná-lo compatível com a Sua santa vontade. Vou me esforçar para ajudá-lo com minhas preces pobres.

Deus tem muitas maneiras de nos atrair para Si mesmo. Ele às vezes parece se esconder de nós. Mas a fé por si só deveria ser o nosso apoio. A fé é a base da nossa confiança. Nós devemos colocar toda a nossa fé em Deus. Ele não nos deixará em tempo de necessidade. Eu não sei como Deus vai se livrar de mim, mas eu sou sempre feliz. Todo o mundo sofre e eu, que mereço a mais severa disciplina, sinto alegrias tão contínuas e grandiosas que mal posso contê-las.

Eu pediria de bom grado a Deus por uma parte de seus sofrimentos. Eu sei que minha fraqueza é tão grande que se Ele me deixasse um momento para mim, eu seria o homem mais miserável do mundo. E, no entanto, não sei como Ele poderia me deixar em paz, porque a fé me dá uma convicção tão forte quanto a razão. Ele nunca nos abandona até que tenhamos primeiro abandonado a Deus. Vamos ter medo de deixá-lo. Vamos sempre estar com ele. Vamos viver e morrer em Sua presença. Reze por mim, enquanto eu oro por você.

Décima terceira carta

Para o mesmo, ele exorta à total e completa confiança em Deus, ao corpo e à alma.

Sinto muito ver você sofrer tanto tempo. O que me dá alguma facilidade e suaviza o sentimento que tenho sobre suas aflições é que elas são a prova do amor de Deus por você. Veja suas dores nessa visão e você as suportará mais facilmente. No seu caso, é minha opinião que, neste ponto, você deveria descontinuar os remédios humanos e resignar-se inteiramente à providência de Deus. Talvez Ele espere apenas por essa renúncia e fé perfeita Nele para curar você. Como, apesar de todos os cuidados que você tomou, o tratamento não deu certo e sua doença ainda aumenta, não espere mais. Coloque-se inteiramente em Suas mãos e espere tudo dele.

Eu lhe disse em minha última carta que Ele às vezes permite desconfortos corporais para curar as enfermidades da alma. Tenha coragem. Faça uma virtude da necessidade. Não peça a Deus por libertação de sua dor. Em vez disso, por amor a Ele, peça a força para resolutamente suportar tudo o que Ele quiser, e enquanto Ele desejar. Tais orações são difíceis no começo, mas são muito agradáveis a Deus e tornam-se doces para aqueles que o amam.

O amor adoça dores. E quando alguém ama a Deus, sofre por sua causa com alegria e coragem. Faça isso, eu peço a você. Conforta-te com ele. Ele é o único médico para todas as nossas doenças. Ele é o Pai dos aflitos e sempre pronto para nos ajudar. Ele nos ama infinitamente mais do que podemos imaginar. Ame-o em troca e não procure consolo em outro lugar. Espero que em breve você receba o conforto de Deus. Adeus

Eu os ajudarei com minhas orações, pobres como são e sempre serão seus em nosso Senhor.

Décima quarta carta

Gratidão, por misericórdia ao seu correspondente, e medida de alívio enquanto ele mesmo esteve perto da morte, mas com consolo em seu sofrimento.

Eu agradeço ao nosso Senhor por ter lhe aliviado um pouco como você desejava. Eu já estive quase perto da morte e nunca fiquei tão satisfeito como então. Nessas ocasiões, não orei por nenhum alívio, mas rezei por forças para sofrer com coragem, humildade e amor. Quão doce é sofrer com Deus! Por maiores que sejam os seus sofrimentos, receba-os com amor. É o paraíso sofrer e estar com ele. Se, nesta vida, pudermos desfrutar da paz do paraíso, devemos nos acostumar a uma conversa familiar, humilde e afetuosa com Deus.

Nós devemos impedir que nossos espíritos vagem Dele em todas as ocasiões. Nós devemos fazer do nosso coração um templo espiritual para que possamos constantemente adorá-lo. Devemos vigiar continuamente a nós mesmos, para que não façamos nada que possa desagradá-lo. Quando nossas mentes e corações estão cheios de Deus, o sofrimento torna-se cheio de unção e consolação.

Eu bem sei que para chegar a este estado, o começo é muito difícil porque devemos agir puramente com fé. Mas, embora seja difícil, sabemos também que podemos fazer todas as coisas com a graça de Deus. Ele nunca recusa aqueles que perguntam sinceramente. Batida. Persevere em bater. E eu respondo por isto, que, no devido tempo, Ele abrirá as suas graças para você. Ele concederá, de uma só vez, o que Ele adiou durante muitos anos. Adeus

Ore a Ele por mim, enquanto oro a Ele por você. Espero vê-lo em breve.

Décima quinta carta

Do seu leito de morte.

Repete a mesma exortação ao conhecimento, para que possamos amar.

Deus sabe melhor o que precisamos. Tudo o que Ele faz é para o nosso bem. Se soubéssemos o quanto Ele nos ama, estaríamos sempre prontos para receber tanto o amargo quanto o doce de Sua Mão. Não faria diferença. Tudo o que veio d'Ele seria agradável. As piores aflições só parecem intoleráveis se as vemos na luz errada. Quando os vemos como vindos das mãos de Deus e sabemos que é nosso Pai amoroso que nos humilha e nos angustia, nossos sofrimentos perdem sua amargura e podem até se tornar uma fonte de consolo.

Que todos os nossos esforços sejam para conhecer a Deus. Quanto mais alguém o conhece, maior deseja conhecê-lo. Conhecimento é comumente a medida do amor. Quanto mais profundo e extenso o nosso conhecimento, maior é o nosso amor. Se nosso amor a Deus fosse grande, nós o amaríamos igualmente com dor e prazer.

Apenas nos enganamos, buscando ou amando a Deus por quaisquer favores que Ele nos conceda ou possa nos conceder. Tais favores, por maiores que sejam, nunca podem nos aproximar de Deus como um simples ato de fé. Vamos procurá-lo muitas vezes pela fé. Ele está dentro de nós. Procure-o não em outro lugar.

Não somos grosseiros e merecemos a culpa se o deixamos em paz para nos ocuparmos com ninharias que não O agradam e talvez até o ofendam? Essas bobagens podem um dia nos custar caro. Vamos começar sinceramente a ser dedicado a ele. Deixemos todo o resto fora dos nossos corações. Ele quer possuir o coração sozinho. Implore este favor dele. Se fizermos tudo o que pudermos, veremos em breve essa mudança operada em nós que tanto desejamos.

Não posso agradecer-lhe o suficiente pelo alívio que Ele lhe deu. Espero vê-lo dentro de alguns dias. Vamos orar uns pelos outros.

O irmão Lawrence morreu pacificamente nos últimos dias desta última carta.

Irmão Lawrence

Irmão Lawrence – também traduzido como Lourenço, ou Laurent do francês (1614 - 1691), nascido Nicholas Herman, serviu como um irmão leigo em um mosteiro carmelita em Paris. Os cristãos geralmente se lembram dele pela intimidade que ele expressou em relação a sua relação com Deus, conforme registrado em um livro compilado após sua morte, o clássico texto cristão, *A Prática da Presença de Deus*.

Lawrence nasceu por volta de 1610 em Herimenil, Lorraine, um ducado da França. Seus registros de nascimento foram destruídos em um incêndio em sua igreja paroquial durante a Guerra dos Trinta Anos, uma guerra na qual ele lutou como um jovem soldado. Foi também a guerra em que sofreu uma lesão quase fatal no nervo ciático. A lesão o deixou bastante aleijado e com dores crônicas pelo resto de sua vida.

Os detalhes de sua vida inicial são poucos e incompletos. No entanto, sabemos que ele foi educado em casa e por seu pároco cujo primeiro nome era Lawrence e que era muito admirado pelo jovem Nicolas. Ele foi bem lido e, desde cedo, atraído para uma vida espiritual de fé e amor a Deus.



Também sabemos que nos anos entre o fim abrupto de seus deveres como soldado e sua entrada na vida monástica, ele passou um período de tempo no deserto vivendo como um dos primeiros pais do deserto. Além disso, antes de entrar no mosteiro, e talvez como preparação, ele passou um tempo como funcionário público. Em sua forma característica, auto-depreciativa, ele menciona que ele era um "lacaio que era desajeitado e quebrou tudo".

No meio da vida ele entrou em um mosteiro recém-estabelecido em Paris, onde se tornou o cozinheiro para a comunidade que cresceu para mais de cem membros. Depois de quinze anos, seus deveres foram transferidos para a oficina de reparação de sandálias, mas, mesmo assim, ele sempre voltava para a cozinha ocupada para ajudar.

Em tempos tão perturbados como hoje, o irmão Lawrence descobriu e seguiu uma maneira pura e descomplicada de caminhar continuamente na presença de Deus. Por cerca de quarenta anos, ele viveu e andou com o Pai ao seu lado. No entanto, através de suas próprias palavras, aprendemos que os primeiros dez anos do irmão Lawrence foram repletos de provas e desafios severos.

Um homem gentil de espírito alegre, o irmão Lawrence evitou a atenção e o centro das atenções, sabendo que a distração externa "estraga tudo". Não foi até depois de sua morte que algumas de suas cartas foram coletadas. Joseph de Beaufort, representante e advogado do arcebispo local, publicou pela primeira vez as cartas em um pequeno panfleto. No ano seguinte, em uma segunda publicação intitulada "A Prática da Presença de Deus", de Beaufort incluiu, como material introdutório, o conteúdo de quatro conversas que teve com o irmão Lawrence.

Neste pequeno livro, através de cartas e conversas, o irmão Lawrence explica de maneira simples e bonita como caminhar continuamente com Deus - não na cabeça, mas no coração. O irmão Lawrence deixou o dom de um modo de vida disponível para qualquer um que procura conhecer a paz e a presença de Deus; que qualquer pessoa, independentemente de idade ou circunstância, pode praticar em qualquer lugar, a qualquer momento. O irmão Lawrence também deixou o dom de uma abordagem direta para viver na presença de Deus que é tão prática hoje quanto há trezentos anos atrás.

O irmão Lawrence morreu em 1691, tendo praticado a presença de Deus por mais de quarenta anos. Sua morte silenciosa era muito parecida com sua vida monástica, onde cada dia e cada hora era um novo começo e um novo compromisso de amar a Deus de todo o coração.

Apesar de sua posição humilde na vida e no priorado, seu personagem atraiu muitos para ele. Ele tinha uma reputação de experimentar uma paz profunda e os visitantes vieram buscar orientação espiritual dele. A

sabedoria que ele passou para eles, em conversas e em cartas, mais tarde se tornaria a base para o livro, *A Prática da Presença de Deus*. O padre Joseph de Beaufort, mais tarde vigário geral do arcebispo de Paris, compilou este trabalho depois que o irmão Lawrence morreu. Tornou-se popular entre católicos e protestantes, com John Wesley e A. W. Tozer recomendando-o a outros.

